



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

PATRIMÔNIO CULTURAL E HISTÓRIA LOCAL: PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA¹

Mariana Dall Orto dos Santos - UFES
Miriã Lúcia Luiz - UFES

RESUMO

A pesquisa investiga a compreensão de professores de história dos anos finais do ensino fundamental da rede municipal de Serra-ES a respeito das noções de patrimônio cultural e história local no ensino de história e os principais desafios que enfrentam em sala de aula no trabalho com essas temáticas. O aporte teórico apoia-se no pensamento de Schmidt e Cainelli (2004), Rüsen (2001), Bloch (2001), Abreu e Chagas (2009) e Oriá (2023). Este estudo se orienta metodologicamente nos pressupostos da abordagem histórica de Marc Bloch (2001), com aplicação de questionário semi-estruturado. A análise preliminar dos questionários aponta indícios dos modos como os docentes da rede municipal da Serra-ES respondem a essa problemática. Entre *identidade e pertencimento* e *aproximação entre a história e o contexto de vida dos estudantes*, os 14 docentes respondentes revelaram compreender uma razão palpável para trabalhar a história e seus conteúdos. Evidenciando noções conceituais e procedimentais, os docentes consideram possível que essas temáticas contribuam para a formação da consciência histórica dos estudantes (RÜSEN, 2011).

Palavras-chave: Patrimônio Cultural, História Local, Educação Básica.

INTRODUÇÃO

O artigo é recorte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Investigamos como os docentes de história dos anos finais da rede municipal de ensino de Serra-ES compreendem a importância do trabalho com o patrimônio cultural e a história local no ensino de história. Para tal, analisamos uma interrogação que compõe os questionários semi-estruturados aplicados a 14 docentes². Assim, este estudo se orienta metodologicamente na abordagem histórica com base no pensamento de Marc Bloch (2001), com aplicação de questionários semi-estruturados.

Teoricamente, fundamenta-se no pensamento de Schmidt e Cainelli (2004) e Rüsen (2001) para o ensino de história, especificamente, para a reflexão de práticas e possibilidades de se trabalhar com a história local e patrimônio cultural, pois o reconhecimento de vivências como bens de um determinado grupo contribui para a construção de si mesmos, enquanto

¹A apresentação deste trabalho foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo.

² Este questionário foi aplicado após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em dezembro de 2023 para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado referenciada, que previu a publicação de artigos e pesquisas.

sujeitos políticos e ativos agentes da mudança. Para essa reflexão nos apoiamos no pensamento de Bloch (2001), Abreu e Chagas (2009).

METODOLOGIA

A metodologia do artigo se ancora nos pressupostos de Bloch (2001), por nos possibilitar compreender a história e suas diversas temporalidades, enquanto ciência e enquanto ensino. O autor compreende os vestígios deixados por homens e mulheres no tempo como fontes, sendo necessário questioná-las, pois o que move as pesquisas são as perguntas feitas pelos historiadores. Bloch (2011) permite considerar uma diversidade de fontes para pensar a educação e, no caso da presente pesquisa, por meio de instrumentos da pesquisa qualitativa – questionário semi-estruturado, acessamos narrativas de professores de história do município de Serra sobre patrimônios culturais e história local no ensino de história.

Assim, aplicamos questionários aos docentes de história da rede municipal de ensino de Serra, transformados em fonte histórica por meio da nossa operação historiográfica. Ao analisarmos as respostas dos docentes, buscamos indícios da importância de mobilizar essas temáticas no ensino e de compreender os modos como os professores narram suas práticas ao abordarem os patrimônios culturais e a história local.

REFERENCIAL TEÓRICO

Teoricamente, este estudo se baseia no pensamento de Schmidt e Cainelli (2004) e Bloch (2001) para pensar o ensino de história, assim como nos estudos de Abreu e Chagas (2009), Gonçalves e Oriá (2023) sobre os patrimônios culturais e história local. Trabalhar a história local como uma abordagem na educação pode contribuir significativamente para a construção de uma consciência histórica dos estudantes (RÜSEN, 2001), pois, conectar os estudantes com a história de sua comunidade, pode favorecer a recuperação de vivências individuais e coletivas, de modo a reconhecerem a si mesmo enquanto sujeito histórico (BLOCH, 2001). Com isso, a exploração dos patrimônios culturais é um indício do que pode ser trabalhado em sala de aula (SCHMIDT; CAINELLI, 2004).

Aqui estão sendo considerados patrimônios culturais os conhecimentos e modos de saber e fazer, rituais, festas, manifestações musicais, manifestações cênicas, literárias, as

feiras e as praças. A ênfase recai no que não podemos alcançar com as mãos (intangível), situa-se nas práticas, nas vivências e experiências de todos os seres humanos, que fazem referência à identidade, à ação, à memória dos povos que formam o Brasil, enfim, bens culturais (ABREU; CHAGAS, 2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse artigo, privilegiamos respostas dos questionários semi-estruturados aplicados aos professores de história da rede municipal da Serra-ES. Esse questionário abordou dados pessoais (nome, idade, sexo, naturalidade), profissionais e a formação acadêmica. Na segunda parte focamos em questões relacionadas aos cursos de formação de professores que foram ofertados a partir de 2018, que aludem à temática da história local e os patrimônios culturais. Para o recorte deste artigo, analisamos uma questão relacionada ao trabalho com história local e os patrimônios culturais: 1) *A seu ver, trabalhar com patrimônios e História Local, pode contribuir para o ensino de História? Em quais aspectos?* A leitura dos questionários nos permitiu construir duas categorias de análise: a) *Identidade e pertencimento*; e b) *Aproximação entre a história e o contexto de vida do estudante*. Desse modo, organizamos esse tópico a partir desses dois eixos.

No primeiro eixo “*Identidade e pertencimento*”, a relação dessas temáticas com o sentimento de “pertencimento” e/ou formação da “identidade” situamos nove respostas: “Contribuí para o fortalecimento da identidade cultural e a percepção de pertencimento” (DH1³), “Sim. Pode despertar o sentimento de pertencimento em casa aluno a suas devidas localidades” (DH2), “[...] valorizando suas memórias, casas, quintais, receitas de família [...]” (DH3), “Pertencimento, memória e valorização” (DH4), “patrimônio é construção de identidade e de coletividade, é um elo do indivíduo com o social (DH5)”. Lemos em suas respostas que os docentes reconhecem a memória como importante elemento para o fortalecimento e construção da identidade (ORÍÁ, 2023). Além disso, esses professores apostam na aplicabilidade desses conceitos na vida prática (RÜSEN, 2011), ao acreditar que “[...] a gente pode discutir quem fez esses monumentos [bandeirantes] e quais histórias não

³Identificamos os professores pela sigla “DH” (Docente de História), seguido do número em que sua resposta aparece em nosso artigo. O questionário foi aplicado entre os meses de abril e maio de 2024.

estão sendo contadas ou qual era o interesse daquele contexto histórico ao valorizar esse tipo de narrativa” (DH3).

Notamos, ainda, que as respostas variam de elementos conceituais a aspectos procedimentais, o que nos permite pensar a formação do aprendizado histórico dos estudantes para, a partir de um trabalho de mediação, passar para a consciência histórica (RÜSEN, 2011). Como conceito, identificamos: *memória, identidade, pertencimento e patrimônio*. É o caso, por exemplo, do DH5, que define patrimônio a partir de sua etimologia, referindo-se “[...] à ideia de herança, como algo que vem de nossos antepassados e que chega até nós por ter relevância o suficiente para ser herdado”. A partir de noções conceituais como essa, podemos conjecturar as possibilidades teóricas que esses professores podem revelar nas demais respostas dos questionários e, o mais importante, indicar como possivelmente trabalham esses conceitos em sala de aula.

Pistas sobre os modos como esses docentes trabalham esses conceitos em sala de aula evidenciou-se em pelo menos uma resposta: *ao valorizar suas memórias, casas, quintais, receitas de família*. Tais indícios provocam a nossa curiosidade e aumentam nossas expectativas por conhecer as práticas desses professores que, mesmo diante dos desafios cotidianos, inventam e se reinventam no fazer docente e no seu processo de profissionalização.

Em *aproximação entre a história e o contexto de vida do estudante*, seis docentes destacaram a importância dos patrimônios culturais e história para aproximar os estudantes da disciplina, fazendo-os perceber-se como parte da história. Destacamos falas, como: “Trabalhar com esses temas aproxima a vivência dos estudantes com a sala de aula” (DH6) e “Trazer a História para perto do aluno, transformando-a em algo palpável” (DH7).

A leitura das respostas dos docentes nos remete, inevitavelmente, ao questionamento introdutório da obra de Bloch (2001), sobre a utilidade da história. Notamos, assim, que os docentes compreendem que a história local e os patrimônios culturais podem contribuir para uma aproximação entre a história e os contextos de vida dos estudantes. Apesar de responder com outras palavras: “Sim. Precisamos compreender a nossa História Regional e Local.” (DH10), ao referir-se a uma aprendizagem da histórica local e regional, entendemos que o professor identifica a aproximação com o que está mais próximo dos estudantes, assim como “[...] quando utilizado na prática educativa, serve para tornar o ensino de História mais lúdico, mais próximo da compreensão por que sai do campo imaginário” (DH5). Nesse sentido, os relatos dos docentes remetem à importância de uma “história viva” (BLOCH, 2001), que

dialogue com os interesses e as vivências dos estudantes, tornando-se assim mais compreensível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Para que serve a História?” (BLOCH, 2001, p. 41), assim poderíamos iniciar e concluir, ainda que provisoriamente, essa reflexão. A análise preliminar dos questionários apontam indícios dos modos como os docentes da rede municipal da Serra-ES respondem a essa problemática, embora redigida de uma forma distinta da expressa pelo historiador francês. Ampliando a ciência para abordagens mais específicas - patrimônio cultural e história local -, noções sobre a sua importância nos foram narradas, por meio da aplicação dos questionários.

Entre *identidade e pertencimento e aproximação entre a história e o contexto de vida do estudante*, os 14 docentes revelaram compreender uma razão palpável para trabalhar a história e seus conteúdos. Evidenciando noções conceituais e procedimentais, os docentes consideram que essas temáticas contribuem para a formação da consciência histórica dos estudantes (RÜSEN, 2011). Desse modo, concordamos como os docentes que “[...] trabalhar com esses temas aproxima a vivência dos estudantes com a sala de aula, facilitando o processo educativo” (DH3), permitindo-nos imaginar possíveis nuances e configurações de ensino em sala de aula, favorecendo “[...] sair do campo imaginário (de tentar fantasiar como era) e criar contornos mais definidos, mais reais (DH5).

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Lamparina, 2009, p.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

ORÍÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2023, p. 128-148.

RUSEN, Jorn. **Razão histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004, p.111-124.